

Graça Institucional – um Oxímoro?

**A graça o aceita como você é,
com defeitos e tudo, ao passo que
uma instituição tem maior
probabilidade de aceitá-lo se você
estiver à altura.**

As expressões “agir de modo natural”, “descobriu que estava faltando”, “vidros plásticos” e “anão gigante” são conhecidas como oxímoros — expressões que em seu significado superficial ou literal são contraditórias ou absurdas. Será que a expressão “graça institucional” também se enquadra nessa definição?

A natureza da graça é aceitar e perdoar, ao passo que a natureza de uma instituição é estabelecer por meio do uso de normas, praxes e regulamentos.

Graça é um produto do amor incondicional de Deus e de Sua aceitação. Conceder graça a alguém significa tratar essa pessoa como Deus nos trata, isto é, com amor, aceitação e perdão. A graça o aceita como você é, com defeitos e tudo, ao passo que uma instituição tem maior probabilidade de aceitá-lo se você estiver à altura.

A palavra *instituição* se origina da raiz “permanecer” ou estabelecer. A instituição é organizada por pessoas que “permanecem firmes” por alguma coisa e que desejam perpetuar suas convicções. Para tanto, elas estabelecem praxes e padrões. Para certificar-se de que suas convicções persistem até o futuro, elas “institucionalizam” suas idéias. E o resultado? As instituições preparam

manuais de igreja, livros de praxes, manuais para estudantes e códigos educacionais.

Isso nos leva à pergunta: “É possível em um ambiente institucional partilhar um Deus amável, caloroso, que aceita as pessoas? ‘Graça institucional’ é um oxímoro?”

É o antigo desafio de equilibrar a lei e a graça. Quando aplicamos a lei, e quando estendemos a graça? Ouvi a história de uma senhora que teve um filho fora do casamento, e a igreja estendeu-lhe a graça recebendo-a na irmandade da igreja. Fizeram para ela um chá de bebê e a ajudaram bastante a cuidar do seu bebê. E o resultado? Ela teve outra criança fora do casamento. Quando somos capacitadores, e quando estamos realmente estendendo a graça?

Imagine Moisés, o líder institucional,

dizendo: “Senhor, estes Teus filhos construíram um bezerro de ouro. Eu acho que isso é realmente um problema de depravação ambiental causada pela condição precária de seus lares no Egito. Por favor, não os considere responsáveis por suas ações.”

Lei e graça na igreja cristã primitiva

Os líderes da igreja primitiva procuraram encontrar o equilíbrio entre a aplicação da lei e da graça: “Alguns homens desceram da Judéia para Antioquia e passaram a ensinar aos irmãos: ‘Se vocês não forem circuncidados conforme o costume ensinado por Moisés, não poderão ser salvos.’” Atos 15:1, *NVI*.¹

Estavam dizendo que a salvação requer a execução de certo rito judeu: ela exige o cumprimento de certas regras. “Vocês não podem abandonar os padrões que nos foram dados por meio de Abraão!” eles exclamavam. Tiveram um grande desentendimento quanto a que normas e regulamentos eram pré-requisitos para salvação.

“Isso levou Paulo e Barnabé a uma grande contenda e discussão com eles.

Gordon Bietz

Assim, Paulo e Barnabé foram designados... para irem a Jerusalém tratar dessa questão com os apóstolos e com os presbíteros.” Atos 15:2.

Vivemos em uma época de individualismo independente que geralmente se intromete nas regras institucionais. Sua resposta à igreja e à escola é: “Não me importa o que vocês dizem. Sou dono do meu nariz e vocês não devem ousar restringir minha liberdade.”

Podemos aprender algo com a resposta de Paulo a essa disputa na igreja primitiva. Por que Paulo foi a Jerusalém? Porque se preocupava com a comunidade. A instituição era importante para ele. Para Paulo o que os “irmãos” tinham a dizer importava.

“Chegando a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros, a quem relataram tudo o que Deus tinha feito por meio deles. Então se levantaram alguns do partido religioso dos fariseus que haviam crido e disseram: ‘É necessário circuncidá-los e exigir deles que obedeçam à Lei de Moisés.’” Atos 15:4 e 5.

Se isso fosse traduzido para um ambiente contemporâneo, provavelmente se leria: “Então alguns dos crentes que pertenciam ao partido conservador se levantaram e disseram: ‘Não podemos permitir que ninguém que coma carne ou use jóias se una à igreja.’”

Os apóstolos e anciãos se reuniram para tratar desta questão. Considerando o relacionamento entre judeus e gentios na época, essa com certeza foi uma discussão ferrenha. Os judeus tinham tradições que os levavam a considerar os gentios como pagãos. De acordo com a lei judaica, não se podia casar com eles, nem comer com eles e nem entrar em suas casas. No entanto, todos esses “pagãos” estavam aceitando a Jesus e se unindo à igreja. Tenho certeza de que os judeus que estiveram seguindo a Deus a vida inteira disseram que os padrões estavam sendo rebaixados. Para defender seus pontos de vista, eles citaram os estatutos do Antigo Testamento sobre a circuncisão.

“Depois de muita discussão, Pedro levantou-se e dirigiu-se a eles: ‘Irmãos, vocês sabem que há muito tempo Deus me escolheu dentre vocês para que os gentios ouvissem de meus lábios a mensagem do evangelho e cressem. Deus, que conhece os corações, demonstrou que os aceitou, dando-lhes o Espírito Santo, como antes nos tinha concedido. Ele não fez distinção alguma

entre nós e eles, visto que purificou os seus corações pela fé. Então, por que agora vocês estão querendo tentar a Deus, pondo sobre os discípulos um jugo que nem nós nem nossos antepassados conseguimos suportar? De modo nenhum! Cremos que somos salvos pela graça de nosso Senhor Jesus, assim como eles também.’” Atos 15:7-11.

Deste modo, no desenvolvimento primitivo da igreja institucional, Pedro aplicou a graça. Tiago resumiu a decisão naquela primeira assembléia da Associação Geral:

“Quando terminaram de falar, Tiago tomou a palavra e disse: ‘Irmãos, ouçam-me. Simão nos expôs como Deus, no princípio, voltou-Se para os gentios a fim de reunir dentre as nações um povo para o Seu nome. ... Portanto, julgo que não devemos pôr dificuldades aos gentios que estão se convertendo a Deus.’” Atos 15:13-19.

O princípio fundamental da decisão não foi uma série de citações do Antigo Testamento. Os judaizantes estavam fazendo isso. Os líderes não pegaram o livro de praxes, o manual da igreja, nem o guia do aluno. Tiago expressou aquilo que parecia ser o consenso do grupo após a discussão. E esse consenso foi expresso em quatro palavras: “Não devemos pôr dificuldades!”

As instituições humanas têm a tendência de tornar as coisas difíceis, de ser exclusivistas. Gostamos de pertencer a um grupo privilegiado e ser escolhidos para o cartão de crédito ouro e promovidos para a primeira classe em uma viagem aérea. O partido dos fariseus queria usar seu “clube” para elevar sua exclusividade.

Regulamentos e relacionamentos

Em um ambiente institucional que significa “não pôr dificuldades”? Minha sugestão é que significa regulamentos justos mediados pelos relacionamentos. Se os regulamentos institucionais são compreensíveis e explicáveis a uma pessoa que raciocina, então eles não são difíceis! Observem que eu disse “uma pessoa que raciocina”. (Eu sei que nem sempre lidamos com pessoas que raciocinam.) As instituições adventistas se apresentam com uma tarefa complexa. Por um lado, devemos enaltecer o evangelho, a história da salvação concedida gratuitamente e não dependente da conduta. Por outro lado, devemos realizar essa tarefa em um ambiente social que requer uma lista bastante longa de padrões de comportamento.

Disciplina é necessária em toda instituição, inclusive nas escolas. Nenhum grupo pode conseguir comunhão sem ter algumas coisas em comum, a menos que tenha disciplina. A inclinação humana, porém, é aplicar *punição*, não *disciplina*. A disciplina é redentora, ao passo que a punição é punitiva. Em uma comunidade disciplinada, os membros demonstram responsabilidade uns pelos

outros certificando-se de que a correção seja aplicada de maneira redentora.

O pós-modernismo define realidade e verdade como preferência pessoal em vez de padrão externo. Ele afirma: “O que você faz não me importa — enquanto não começar a me ferir!” Esse individualismo egoistamente centrado é destrutivo e desmorona a comunidade.

Categorias de regulamentos

Creio que a divisão dos regulamentos em três categorias pode nos ajudar a compreender nossa tarefa.

1. Alguns padrões de comportamento são essenciais às nossas crenças doutrinárias. Regulamentos relacionados às atividades do sábado e a quartos co-educacionais nos dormitórios se enquadram nesta categoria. Eles expressam os ensinamentos fundamentais da igreja, são apoiados pela Bíblia e devem ser considerados como não negociáveis.

2. Alguns padrões de comportamento se desenvolvem a partir de nosso legado cultural religioso. Entre outras coisas, estes incluem não usar jóias nem frequentar cinemas. Evitamos essas coisas ou acatamos essas instruções porque fazem parte da nossa imagem — nós somos assim. Elas fazem parte de nossa tradição religiosa conservadora. Creio que é direito da instituição aplicar esses padrões de comportamento em seu próprio ambiente. No entanto, quando explicamos esses regulamentos aos alunos, devemos torná-los claro que a salvação não depende da fidelidade a

É possível em um ambiente institucional partilhar um Deus amável, caloroso, que aceita as pessoas? “Graça institucional” é um oxímoro?

eles. Os regulamentos simplesmente refletem nossa cultura corporativa e como desejamos representar a nós mesmos. Não excluimos pessoas da igreja nem as julgamos por não seguirem estes regulamentos, mas na pequena comunidade de uma escola, decidimos adotar certas práticas. É semelhante a exigir que todos usem uniforme.

3. Algumas praxes de comportamento são regulamentos de compromisso necessários para situações em que adolescentes e adultos vivem em grande proximidade. Essas incluem coisas como onde lhe é permitido estacionar seu carro, a que horas o refeitório serve o almoço, quando o dormitório fecha suas portas e se lhe é permitido comer na sala de aula ou na biblioteca.

A fim de criar regras justas, precisamos compreender essas categorias de regulamentos. É importante não procurarmos colocar pesadas implicações

morais sobre transgressões de padrões de comportamento que são simplesmente normas culturais ou institucionais.

Naturalmente, mesmo quando os administradores julgam ter uma boa razão para um regulamento, alunos e pais podem não concordar. Por isso, afinal, é o relacionamento que equilibra a lei e a graça. O Antigo Testamento nos fornece uma ilustração perfeita. A glória do Shekinah ou a presença de Deus residia no propiciatório acima das pedras da lei. Era ali que a misericórdia e a lei se uniam. A presença de Deus as unia. Nos tempos do Novo Testamento, Jesus nos mostrou por meio de Sua vida e de Seus ensinamentos como combinar a lei e a graça. Ele morreu para exaltar a lei mas também para nos conceder graça.

Portanto, no cenário da educação cristã, temos professores, reitores e administradores personificados que combinam a lei e a graça em sua vida. Eles dão o exemplo vivendo de acordo com os regulamentos e amando os alunos. A instituição não comunica graça por desconsiderar os regulamentos ou torná-los inofensivos. Ela comunica graça por meio de pessoas cheias de graça, pessoas que experimentam o evangelho na própria vida e medeiam os regulamentos da vida institucional.

AbRANDANDO e moldando

Primeiro precisamos abrandar os alunos com nosso amor antes de poder moldar suas opiniões. Com muita frequência, procuramos moldar suas

Assunto	Não movido pela graça	Movido pela graça
Ambiente escolar	Frio e de desconfiança	Amigável e de aceitação
Diretor	Carcereiro	Ajudador
Professores	Polícia	Conselheiros
Escola	Confinante	Libertadora
Crítica	Dada gratuitamente a todos que a “merecem”	Partilhada particularmente com a pessoa envolvida
Funcionários	Tratados com desconfiança	Tratados com confiança
Dormitório	Prisão	Lar
Preceptores	Oficiais de liberdade condicional	Amigos
Palestras nos cultos	Apontam problemas	Apontam soluções
Praxes de aceitação	Abertas aos que são perfeitos	Abertas aos suscetíveis de ensino
Regulamentos escolares	Restrições	Orientações
Guia do aluno	O que você não pode fazer	O que você não quer fazer
Jovens rebeldes	Não são bem-vindos aqui	Podem encontrar ajuda aqui
Perguntas	Não perguntar	Liberdade para questionar
Obediência	Por temor	Por amor
Pecado	Quebrar os regulamentos	Quebrar o relacionamento
Volta de Jesus	Temor	Alegria
Fé	Pular no escuro	Saltar para a luz
Deus	Juiz para apaziguar	Pai para amar
Lei	Instruções restritivas	Orientações amáveis

opiniões antes de abrandá-los e eles se rebelam. Através de um relacionamento amável, podemos unir a graça e a lei. O quadro a seguir ilustra a escola repleta de graça.

M. Scott Peck diz: “A igreja gosta de ser referida como o ‘corpo de Cristo’. Mas ela se comporta como se pensasse poder ser o corpo de Cristo sem sofrimento, como se pudesse ser o corpo sem precisar se estender, quase partindo-se, como se pudesse ser o corpo de Cristo sem ter de carregar sua própria cruz, sem ter de ficar pendurada no madeiro na agonia do conflito. Por pensar que pode ser assim sem sofrimento, a igreja fez da expressão o ‘corpo de Cristo’ uma mentira.”²

Ser uma instituição que representa a graça e a lei de Deus significa ser o corpo de Cristo. É uma experiência personificada que requer, como diz Peck, levar a cruz, que é muitas vezes algo doloroso. Para evitar o sofrimento, vamos a um extremo ou ao outro, aplicando de modo legalista todos os regulamentos a todos os alunos ou simplesmente olhando para outro lado enquanto fingimos estar aplicando a graça.

No início deste artigo, usamos Moisés como ilustração de alguém que não ignorou os pecados dos israelitas quando eles adoraram o bezerro de ouro. Ele teve algumas punições severas. Mas quando Deus lhe sugeriu: “Tenho visto que este povo é... obstinado. Deixe-Me agora, para que a Minha ira se acenda contra eles, e Eu os destrua. Depois farei de você uma grande nação” (Êxodo 32:9 e 10), Moisés manifestou o amor de um verdadeiro líder. Ele “voltou ao Senhor e disse: ‘Ah, que grande pecado cometeu este povo!’

É importante não procurarmos colocar pesadas implicações morais sobre transgressões de padrões de comportamento que são simplesmente normas culturais ou institucionais.

Fizeram para si deuses de ouro. Mas agora, eu Te rogo, perdoa-lhes o pecado; se não, risca-me do Teu livro que escreveste.” Êxo 32:31.

Moisés mediu a lei com tal amor que estava disposto a perder a própria salvação pelo povo a quem servia. Esse tipo de amor sempre comunicará graça, mesmo em uma instituição com muitos regulamentos.

E, naturalmente, Cristo é nosso supremo exemplo. Ele deu o passo máximo de identificação com a humanidade, tornando-Se um de nós. “A Palavra tornou-Se carne e viveu entre nós.” João 1:14.

Por isso, é a graça institucional um oxímoro? Não, a menos que as pessoas da instituição não sejam representantes personificados de Jesus e Seu amor. Na igreja primitiva, temos um quadro do que acontece quando os cristãos não representam a Cristo.

“Mas os cristãos primitivos começaram a procurar defeitos uns nos outros. Pensando nos erros alheios, permitindo-se críticas indelicadas, perderam de vista o Salvador e o grande amor por Ele revelado aos pecadores. Tornaram-se mais exigentes no tocante às cerimônias exteriores, mais rigorosos quanto à teoria da fé, mais severos em suas críticas.”³

Quando perdem de vista o amor de Jesus, tornam-se estritos quanto a cerimônias exteriores e mais preocupados com a teoria da fé do que com o amor de Deus. Quando os administradores e professores da instituição personificam Cristo na vida, teremos realmente

a graça institucional.

O Dr. Leonard Brand conta a história de um de seus pacientes de lepra chamado Pedro. Durante 15 anos, Pedro vivera sem a sensação de dor em sua mão esquerda, mas de alguma forma a mão não sofrera nenhum dano.

Pedro contou que quando ele nasceu, tinha uma marca de nascença em sua mão. Os médicos verificaram que um entrelaçamento de artérias levava mais sangue àquela área. Como resultado, o sangue fluía rapidamente por aquela parte da mão, mantendo sua temperatura bem próxima da temperatura do coração, quente demais para a lepra progredir.

Assim é em nossas escolas. Quando conservamos os alunos perto do nosso coração com amor, a graça e a lei progredem juntas, e podemos verdadeiramente exemplificar a “graça institucional”.



Dr. Gordon Bietz é diretor da Universidade Adventista Southern em Collegedale, Tennessee, EUA.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Todos os textos bíblicos constantes neste artigo foram extraídos da Bíblia na Nova Versão Internacional, 2002.
2. M. Scott Peck, *The Different Drum* (New York: Simon & Schuster, 1987), pág. 300.
3. Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 245 (*Testimonies for the Church*, vol. 8, pág. 241).